

Marcelo Gleiser

a simples beleza do inesperado

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Gleiser, Marcelo, 1959-
G468s A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca
de trutas e do sentido da vida / Marcelo Gleiser. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2016.

ISBN 978-85-01-10811-1

1. Ciência – Filosofia. 2. Significação (Filosofia). I. Título.

16-35583

CDD: 501

CDU: 501

Copyright © Marcelo Gleiser, 2016

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10811-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e
receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para a truta que não peguei e a
equação que não resolvi.

— Como sabemos, a água conduz o homem à meditação.

HERMAN MELVILLE, *MOBY DICK*

— Não entramos nos mesmos rios.
Pois as águas que fluem são sempre outras.

HERÁCLITO, *FRAGMENTOS*

Sumário

Prólogo	11
O menino e o mar	11
O rio dá quando recebe	13
Nota ao leitor	25
1. Cumbria, Distrito dos Lagos, Reino Unido	27
Sobre mistérios insolúveis	27
Espaços abertos de beleza imortal	32
Solidão e sólitons	38
Procurando por padrões na Natureza	41
Líderes, liderados e rebeldes	44
A simples beleza do inesperado	46
Crença	49
O Deus que joga dados	52
Multiverso: ciência ou fé?	55
A bruxa de Copacabana	65
Razão, fé e a incompletude do saber	71

A sedução do mistério	80
Uma linha ligando dois mundos	90
O caminho do coração	94
2. São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul, Brasil	99
Truta tropical	99
Mudar nossa visão de mundo não é fácil	103
O amor na era da ciência	108
Liberdade ao se prender	115
Limites são gatilhos	121
O imigrante e as duas rãs	125
3. Sansepolcro, Toscana, Itália	129
A truta de Michelangelo	129
Origem da Terra, origem da vida	138
A busca sem fim pelo conhecimento	147
Alguém na escuta?	151
4. Rio Laxá, Myvatnssveit, Islândia	159
Você precisa sair deste navio!	159
Paisagem primordial	163
Uma narrativa moderna da Criação	167
Consciência planetária	177
O templo	188
Agradecimentos	193

Prólogo

*Um homem só se aproxima do seu eu verdadeiro
quando atinge a seriedade duma criança que brinca.*

Heráclito

O menino e o mar

O menino firmou sua vara de pesca num tubo afincado na areia e olhou para o mar. As ondas rolavam preguiçosamente até a beira, enquanto o sol descia por trás dos prédios. As moças com seus biquínis minúsculos já haviam partido. Os jogadores de vôlei desciam as redes, pensando no chope que iriam beber com os amigos. A praia de Copacabana suspirava, cansada dos abusos de tanta gente. Restavam apenas o menino e alguns outros pescadores, homens aposentados sem muito o que fazer, barrigas estufadas de tanta cerveja, a pele curtida pelo sol de incontáveis tardes à beira d'água. Conheciam bem o moleque de 11 anos, que retornava ao mesmo local três vezes por semana com disciplina de jesuíta. A rotina não mudava: três anzóis no final da linha, cada um com uma isca de sardinha ou, quando o dinheiro dava, de camarão. O menino corria até a beira e arremessava os anzóis o mais longe que podia, para além da arrebentação. Após firmar a linha, ele punha a vara no tubo e se sentava na areia, um olho na vara e outro no horizonte. Pouco ligava para os demais pescadores.

Se lhe perguntassem, não saberia dizer por que pescava. Sabia apenas que precisava estar ali, sozinho, na beira do mar, esperando.

Costumava voltar para casa de mãos vazias, fedendo a sardinha e sal. No máximo, era uma cocoroca ou um bagre magro, os poucos peixes que sobravam junto à orla. Seus irmãos mais velhos caíam na gozação, pinçando o nariz com os dedos, fazendo cara de nojo, surpresos pela tenacidade do caçula. O pai se limitava a sacudir a cabeça, num silêncio acusatório.

Naquele dia, porém, a história seria outra. Em meio às ondas, a menos de 20 metros da areia, o menino viu duas sombras prateadas cortando a superfície. Afoito, pegou a vara e recolheu a linha o mais rápido que seu molinete permitia. Após renovar as iscas, respirou fundo e lançou a linha onde havia visto o par.

O menino esperou, ansioso. O tempo se arrastava em passo glacial. Nada. Desapontado, começou a recolher lentamente a linha. De repente, uma fígada violenta dobrou a vara ao meio. “É tubarão! É tubarão!”, o menino gritou, a voz entrecortada na garganta.

Dois pescadores vizinhos vieram correndo. Fazia anos que um tubarão havia sido pego naquelas águas. O menino correu até a beira, segurando a vara com toda força, tentando recolher mais linha. O molinete mal girava. “Vai arrebentar, menino! A linha vai arrebentar”, gritou um dos pescadores, mal acreditando no que via. “Solta a linha, deixa o peixe correr!” O menino soltou a tranca do molinete. O peixe disparou como um torpedo, tentando recuperar o controle de seu destino. O terrível predador havia virado presa de um predador ainda mais terrível, um menino de 11 anos munido de vara e anzol. Foram dez minutos de batalha, o peixe fugindo para longe e o menino trazendo-o de volta. Finalmente, ganhou o menino, recolhendo-o exausto até seus pés. Não era um tubarão. Mas o peixe era grande, magnífico, o maior que o menino havia pego em sua vida; maior do que o menino havia visto outros pegarem. Um torpedo prateado com uma nadadeira dorsal amarelada, pesando uns 4 quilos, talvez um atum-branco ainda adolescente que, na sua impetuosidade, se arriscou mais do que deveria. Uma criatura mágica de tão bela.

Os outros pescadores, boquiabertos, cercaram o menino e seu peixe. Fingindo-se indiferente, o menino empacotou seu equipamento e tentou enfiar o peixe dentro da bolsa que levava a tiracolo. O rabo em forma de V ficou de fora, atraindo a atenção das pessoas no caminho até sua casa. O menino entrou triunfalmente pela porta dos fundos e depositou o peixe na bancada da cozinha. “Ô, Lindaura, vem cá, rápido!” A cozinheira, uma mulata de meia-idade que ocupava metade da cozinha, veio correndo. “Olha só o que vamos comer no jantar! E o vovô vem hoje, né?” A senhora piscou os olhos duas vezes, para ter certeza do que via. “Ocê pegou isso aqui na praia em frente?” O menino abriu um enorme sorriso. “Peguei. E peguei sozinho. Ninguém me ajudou. Quero ver quem vai gozar da minha cara agora.”

Passaram trinta anos até eu reencontrar aquele menino.

O rio dá quando recebe

As águas da vida me levaram e esqueci do menino e do seu peixe mágico. Encantei-me com o Universo e construí uma carreira como físico teórico, interessado por questões que, até recentemente, não eram consideradas científicas. Como o Universo surgiu? De onde veio a matéria que compõe as estrelas, os planetas e as pessoas? Como que átomos inanimados viraram criaturas vivas, algumas delas capazes de refletir sobre sua própria existência? E se a vida existe aqui, será que existe em outros lugares? Será que a imensidão cósmica esconde outras criaturas inteligentes?

Comecei a me interessar por essas questões quando era ainda um adolescente, seduzido pelo poder da mente e por sua capacidade de ponderar assuntos que, aparentemente, eram imponderáveis. Mesmo que, em muitos casos, as respostas a essas perguntas sejam incompletas, o que importa é participar do processo de descoberta, da busca pelo conhecimento. É nossa curiosidade que nos ergue acima da banalidade do igual, da rotina de todos os dias; é nossa curiosidade que nos define enquanto criaturas pensantes.

Agora entendo que aquelas longas tardes de pescaria e contemplação eram um prelúdio do que estava por vir. A pesca requer paciência, tolerância, humildade — qualidades essenciais no mundo da pesquisa. Quantos pescadores não saem de casa de madrugada, sonhando com os peixes maravilhosos que vão pegar, apenas para voltar de mãos vazias ao fim do dia? Da mesma forma, quantos cientistas não exploram apaixonadamente uma ideia durante dias, semanas, até mesmo anos, e são forçados a abandoná-la quando a evidência a contradiz? Apesar da frustração e dos fracassos constantes, os pescadores continuam tentando, acreditando na próxima vez, enquanto os cientistas continuam propondo novas ideias, cientes da baixa probabilidade de sucesso. Em ambos os casos, a emoção vem justamente da surpresa, da possibilidade, mesmo que remota, de contrariar o fracasso esperado e pegar um belo peixe, ou ter uma ideia que nos ensine algo de novo sobre o mundo.

A pesca e a ciência são um flerte com o elusivo. Focamos o olhar na água durante horas para talvez vislumbrar um peixe que venha até o raso ou outro que pule, de repente, atrás de algum inseto. O mundo das criaturas aquáticas é outro, um universo paralelo, do qual pouco perceberemos. Podemos apenas conjecturar o que ocorre sob a superfície, onde predadores e presas encenam o jogo da vida. Na pesca, a linha e o anzol são os instrumentos que usamos para sondar essa outra realidade, que percebemos apenas imperfeitamente. E assim ocorre com o mundo, que, em grande parte, também nos escapa.

“A Natureza ama se esconder”, escreveu o filósofo grego Heráclito, cerca de 25 séculos atrás.* Vemos pouco do que ocorre à nossa volta. Para ampliar nossa visão tanto em direção ao mundo do muito pequeno — das bactérias, dos átomos, das partículas elementares da matéria — quanto ao mundo do muito grande — das estrelas, das galáxias, do Universo como um todo —, usamos a ciência e seus “amplificadores da realidade”, os

* Não é certo se Heráclito disse mesmo isso, visto que não existe um fragmento de seus escritos com essa frase. Porém, assim o seu pensamento foi destilado com o passar dos séculos.

telescópios, os microscópios e outros inúmeros instrumentos de sondagem e detecção, a linha e o anzol dos cientistas. Se persistirmos na busca, se mantivermos nossa curiosidade viva, temos a chance de eventualmente vislumbrar algo que vibra, que pula, que surpreende, revelando a simples beleza do inesperado.

Saí do Brasil com 23 anos para fazer doutorado na Inglaterra e, de lá, fui aos Estados Unidos para um pós-doutorado em Chicago e outro na Califórnia. (Para quem não conhece, um pós-doutorado é uma posição que dura entre um e cinco anos, onde o recém-doutor se junta a um grupo para realizar pesquisas numa determinada área.) Casei e consegui uma posição como professor de física e astronomia na Dartmouth College, uma instituição de pesquisa e ensino fundada em 1769 no estado de New Hampshire, entre Boston e a fronteira com o Canadá. Tive três filhos e me separei após nove anos de casamento, perdendo 12 quilos durante o doloroso processo de divórcio. Foi a decisão mais dura da minha vida. A menos que você preencha perdas emocionais comendo, a mágoa é uma dieta muito eficiente. O divórcio é uma pequena morte, a morte de um sonho, de uma proposta de vida a dois. Você sabe que o fim do casamento irá magoar as pessoas que você mais ama no mundo, seus filhos, que não merecem ter sua inocência violada dessa forma. Mas a alternativa, continuar numa relação falida “para preservar as crianças”, seria ainda mais desastrosa. Estaria traindo a mim mesmo e, principalmente, a meus filhos, que não teriam um pai mas um fantoche, movido pela culpa. O que fiz foi estar presente da melhor forma que pude, interagindo com eles com honestidade e amor. Eventualmente cresceram e, tendo suas próprias experiências e relações amorosas, aprenderam a aceitar sua história. Um dia, com muito carinho e compreensão, o perdão acaba por vir.

Dei sorte. Encontrei uma companheira, casei de novo, tive mais dois meninos e continuei traçando o meu caminho. Difícil imaginar uma relação melhor. Após vinte anos, continua crescendo. Kari me deu muitas coisas que redefiniram minha vida, espirituais e materiais. Dentre elas, e a que

importa mais no momento, foi um presente de aniversário, a matrícula para um curso de pesca fly.*

Numa tarde ensolarada de primavera, estávamos cruzando a praça central do campus de Dartmouth, quando notei um grupo de oito pessoas brandindo longas varas de pesca no ar como se batalhassem quixotes-camente contra gigantes invisíveis. Trabalhava nessa universidade havia alguns anos como professor titular, detentor da cátedra de filosofia natural, uma posição que permite ensinar e refletir livremente sobre os mecanismos e sutilezas do mundo natural. O que alguns chamam de trabalho eu considero um privilégio.

Não conseguia tirar os olhos das varas de pesca dançando no ar. Neurônios há muito adormecidos acordaram, evocando memórias que acreditava perdidas. Em meio aos oito aprendizes, vi um homem diminuto usando um chapéu de beisebol vermelho, gesticulando afoitamente, posicionando corpos e mãos, repetindo ordens e instruções. Visivelmente frustrado, mas sempre sorrindo, o homem arrancava a vara da mão de um e de outro para demonstrar como se lança a linha corretamente. “Duas batidas, gente, só duas: primeiro, lancem a vara para trás, e a linha vai para trás; depois, lancem a vara para a frente, e a linha vai para a frente! Entenderam? Comecem com a vara ligeiramente à sua frente, vinte graus com relação à vertical. Terminem o movimento com a vara apontando vinte graus para trás. Mantenham um ângulo pequeno. Quando a linha esticar atrás de vocês, lancem a vara para a frente. Pulso firme!” Rick Hamel é sem dúvida um mestre da arte, se bem que poucos o chamariam de mestre Zen.

Mesmerizado, fiquei admirando a linha verde-limão cortar o ar como um cometa, voando 40 metros antes de cair no chão. Imaginei um maestro empunhando sua batuta às margens de um rio de águas cristalinas,

* Uso a expressão “pesca fly” como tradução do inglês “fly fishing”, a prática de pesca que usa iscas artificiais feitas de penas de aves e vários outros materiais, ainda rara no Brasil. A meu ver, não existe uma tradução adequada e concisa da expressão inglesa. O dicionário Michaelis (15ª edição) lista “fly fishing” como “pesca com moscas verdadeiras ou artificiais”, o que está incorreto. Apenas materiais artificiais são usados na construção das iscas. A ideia é imitar os insetos e moluscos que os peixes comem.

preparando a Natureza para um concerto, os picos nevados na distância. Vi causa e efeito, disciplina e emoção, movimento e graça, o homem estendendo seu domínio a um mundo além do seu. Vi o menino, sozinho na praia com sua vara de bambu, pés na areia e olhos no horizonte. Vi minha vida inteira num instante, o tempo ausente, o menino e o mar, o velho e o mar.

“Já sei o que vou te dar no seu aniversário”, disse Kari.

E assim foi. Fiz o curso de pesca fly do Rick no outono, comprei o equipamento (bem caro!), e tentei minha sorte um punhado de vezes nos riachos locais, frustrando-me com minha ineptidão. Jurei que encontraria mais tempo para praticar quando a primavera chegasse. Mas como ocorre com frequência na vida, acabei deixando meus planos de lado. O momento certo ainda não havia chegado. Meu trabalho como físico e professor era ciumento, dando-me pouca liberdade.

Ademais, quem não conhece esse tipo de pesca não entende o quanto é difícil para um principiante. Aprender a controlar a linha, lançá-la, ler o movimento das águas, escolher as iscas que imitem corretamente o que os peixes estão comendo, saber andar no rio sem escorregar numa pedra submersa e ser levado pela correnteza forte...

Como com todas as coisas que importam na vida, tudo começa no coração. Se a vara é movida pelas mãos, as mãos são movidas por algo intangível, que podemos chamar de espírito. É verdade que a técnica melhora com a prática, com a disciplina do treino. Mas esse tipo de pesca não é só prática, não é só ir atrás de peixes; é também uma forma de meditação, de transcendência. A meu ver, mais importante do que pegar um peixe é tentar atingir um estado de graça, de união com o rio, com o peixe, com a Natureza. O mestre da arte da pesca fly é monge e amante, é alguém que sabe celebrar o momento, esquecendo-se do tempo.

Passaram-se dois anos sem muita pesca. Kari insistiu.

“Por que você desistiu de ir ao rio pescar? Deixa de pensar só em trabalho! Vai te fazer bem!”

Desanimei. De janeiro a abril, durante os longos invernos da Nova Inglaterra, os rios e lagos congelam, o que não os torna muito convidativos.

Dentre projetos de pesquisa, viagens a trabalho e cuidar dos filhos, minha conexão com a pesca foi sendo esquecida. Quando a primavera chegava, eram mais viagens, férias das crianças, parentes e amigos que visitavam, livros e ensaios para escrever. Antes que percebesse, o verão tinha passado e o frio estava de volta, a vara e as iscas esquecidas no armário.

Tudo mudou numa manhã de agosto, quando decidi acordar às cinco da manhã e descer a trilha da minha casa até o majestoso rio Connecticut, que passava bem em frente de onde morava na época. Não sei exatamente por que naquele dia. Alguns processos emocionais têm vida própria, fisgando-nos com uma urgência surpreendente. Havia acabado de terminar um livro novo (no Brasil, *O fim da Terra e do Céu*, publicado em 2001), minha pesquisa estava indo bem e não estava lecionando. Havia espaço em minha vida para outras necessidades emocionais, menos centradas no fazer de sempre. Via o rio todos os dias, suas águas parecendo murmurar sempre o mesmo convite: vem, vem, vem...

Em minutos, estava com água até os joelhos, lançando e recolhendo a linha, minha vara oscilando ritmicamente para a frente e para trás como a batuta do meu maestro imaginário. Será que os peixes ouviam a música? Senti-me parte de uma tradição que nos remete ao início da nossa trajetória como espécie, quando nossos ancestrais inventaram meios de obter alimentos das águas. Dentre os movimentos da linha e as associações históricas, ouvia as instruções de Rick: “Duas batidas, gente, só duas: vara para trás, a linha vai para trás; vara para a frente, a linha vai para a frente! Entenderam?”

Precisava aumentar o meu foco.

Havia feito frio à noite. Uma neblina tênue abraçava as águas, como um amante que não queria partir. No leste, uma lâmina prateada cortava o céu, anunciando a chegada do dia.

Olhei em torno. A água cristalina passava apressada pelos meus pés. Na distância, os contornos do monte Ascutney emergiam, tingidos de rosa pela aurora. O mundo renascia, banhado na pureza da primeira luz. Senti um calafrio, meus neurônios cintilando, como pequenas lâmpadas numa árvore de Natal. Por que demorei tanto?

Sentado na beira do rio, o menino olhou para mim. Tinha voltado! “Está na hora”, disse, sorrindo. “Vamos.”

Senti-me possuído por um senso de inevitabilidade, controlado por poderes além da minha compreensão. Meu batismo ia começar. O menino entrou no rio e caminhou em direção ao fundo, gesticulando para que o seguisse. “Não tenha medo”, disse. “Também senti sua falta.” Sorrindo, olhei para meu eu criança, refletido na água. Por que tanta pressa, tempo?

Submergi minha cabeça três vezes. O menino disse algo que não compreendi e partiu, sem que eu visse para onde. As portas do monastério haviam sido abertas.

O rio, os peixes, o silêncio me abraçaram. Sozinho em meio às águas, nada mais importava. As tensões do mundo foram se dissipando, feito a névoa da madrugada. Uma sensação primordial de contentamento inflou meu peito, fazendo meu coração flutuar como um balão.

Preparei minha vara peso 6 de 2,80 metros de comprimento, a carretilha carregada com uma linha flutuante verde. A linha flutuante, por sua vez, continuava numa linha líder de náilon de espessura 2.* Gosto de usar iscas artificiais relativamente grandes no rio Connecticut, já que os peixes, quando me agraciam com uma rara visita, são de bom porte. Como a temperatura da água estava alta demais para trutas, fui atrás de percas (do inglês “bass”), também excelentes lutadoras. A isca que costuma funcionar é uma imitação de peixe, pintada de amarelo com listras vermelhas laterais e algumas penas na cauda. Digo “costuma funcionar” porque nunca se sabe se vai dar certo ou não no dia em que você estiver

* Várias definições técnicas aqui. A pesca fly é feita com duas linhas; uma longa e grossa, que chamo de linha flutuante (do inglês “floating line”), e outra de náilon, ligada a ela, chamada de líder. A isca fica na ponta da líder. É a linha flutuante que propulsiona a líder e a isca durante o lançamento. A linha flutuante mais comum flutua, como já diz o nome. Mas podemos, também, usar linhas que afundam parcial ou totalmente, dependendo da correnteza do rio e da profundidade onde estão os peixes. A líder é uma linha curta de náilon que vai afinando até uma determinada espessura na sua extremidade, onde fixamos as iscas artificiais. A espessura da líder (espessura 2 ou 2X, no meu caso aqui) denota sua tensão máxima. O peso 6 da vara denota sua rigidez. Pesos variam de 1 (vara bem fina e frágil, para peixes de riacho) até 12 ou mais (vara para pesca de peixes de oceano, como atum, tubarão, ou peixe-espada).

no rio com a vara na mão. Como sabe todo pescador que tenta repetir seu sucesso, na pesca não existem leis. O que funciona um dia pode não funcionar no outro; o que funciona uma hora pode não funcionar na próxima. A isca que usei é feita de um plástico bem leve e tende a flutuar na água, dando pequenos pulos quando recolhemos a linha. Os peixes são atraídos pelo movimento e atacam a isca agressivamente, muitas vezes pulando fora d'água para abocanhá-la ainda no ar.

Gosto de comparar esse elemento-surpresa que encontramos na pesca com a pesquisa científica. As leis naturais descrevem o comportamento dos fenômenos que somos capazes de observar. Porém, sabemos que nossas leis têm limites, e que o que observamos da Natureza tem limites. A emoção da pesquisa científica está justamente em ultrapassar esses limites, descobrindo o inesperado que se oculta sob o manto do conhecido. Queremos o novo, o surpreendente. Que novas estruturas materiais podem existir no Universo? Até que ponto podemos entender a natureza da realidade? Que peixes fabulosos escondem-se atrás daquela pedra? Na pesca e na pesquisa, nossa curiosidade é limitada pela nossa miopia: queremos ver mais do que podemos, como dizia o francês Bernard le Bovier de Fontenelle.

O rio Connecticut oferece condições que com frequência tornam-se bem dramáticas no meu santuário. A represa Wilder, situada a alguns quilômetros rio acima, tende a manter a água relativamente rasa, com poços isolados, perto de grandes pedras parcialmente submersas. A correnteza é forte em alguns pontos e, quando a represa abre suas portas, o nível da água pode subir rapidamente. Passei alguns momentos de pânico com a minha família quando nadávamos e fazíamos um piquenique à beira do rio. Sem qualquer aviso, a água começava a subir e tínhamos que escapar rapidamente, caminhando sobre pedras escorregadias com água até os joelhos, segurando duas crianças aos berros nos braços. O Connecticut me ensinou a nunca subestimar um rio.

Posso apenas imaginar como esse rio era magnífico no início do século XIX, antes de represas e moinhos industriais, na época a maior fonte de riqueza da região. O salmão era tão abundante que enchia as águas de margem a margem quando migrava rio acima para a desova. Li uma vez

que chegavam a centenas de milhares. Agora, nenhum salmão, ao menos nesse rio. Teria que ser um saltador olímpico para sobrepujar as barreiras das represas. O jeito era tentar fisgar uma boa perca, de qualquer forma sempre divertida. Afinal, não era pegar peixe que me trazia ao rio.

Uma águia-de-cabeça-branca passou rasante sobre o rio, em silêncio perfeito. De alguma forma, conhece a lei de Boyle, que relaciona a pressão e o volume dos gases. Seu voo é prova disso, quando usa uma bolha de ar quente para ganhar altura praticamente sem esforço. Ver aquela águia subir aos céus com graça infinita me fez lembrar que existem várias formas de saber; e que outras criaturas têm muito a nos ensinar.

O conhecimento da Natureza não precisa ser científico, ou mesmo humano. Captamos e compreendemos tão pouco do que existe... Um cientista arrogante, que acha que sabe tanto, é feito um pavão com plumas faltando e sem um espelho para se enxergar. Aliás, o mesmo pode ser dito sobre todos os tipos de arrogância, não só a dos cientistas. Cada vez que uma pessoa arrogante fere alguém, sua essência fica um pouco mais corrompida, sua visão, mais cega. Como dizia meu avô, “usar um chapéu maior do que sua cabeça cobre os olhos”.

Falando em limitações, quando menos esperava, fisgo uma perca. Ou melhor, o peixe se fisga sozinho, saltando espetacularmente para abocanhar a isca antes de ela bater na água. Tão espetacular a acrobacia que fiquei olhando boquiaberto, esquecendo do que estava fazendo com a vara na mão. Deixei a linha muito solta e o bravo predador sacudiu a cabeça para lá e para cá até se safar do anzol.

Nas próximas horas, mais focado, lancei e relancei a linha sem sucesso. Boa prática, pelo menos. O sol estava alto, coroadando uma manhã radiante. Que lugar paradisíaco esse. Mais uma vez, me perguntei por que havia demorado tanto para descer até o rio.

Perguntei a mim mesmo, mas sabia bem a resposta. A vida me levou para longe do rio. Primeiro, o trabalho, sempre intenso. Não sabia abrir espaço na minha agenda para simplesmente existir. Eram artigos para escrever, livros, reuniões, estudantes precisando de atenção. Depois, claro, minha família. Na vida, ter um tempo mais contemplativo, um tempo só

seu, não deveria ser uma escolha; mas com a pressão do imediato, do que se relaciona com o seu eu externo, acaba sendo. Sei que não é fácil dividir o tempo que temos de forma eficiente. A solução, aprendi, é mais fácil do que parece: eficiência — produzir mais em menos tempo; e contentamento — aprender a apreciar o que conquistamos. Caso contrário, nossa vida fica dominada pelo querer-sempre-mais, numa corrida sem fim.

Agora percebo que só me dei tempo para praticar a pesca fly quando aprendi a querer menos, a ter menos pressa na vida. Diversificar atividades é um tônico para a criatividade, uma servindo de inspiração para a outra. Senão, tudo acaba tornando-se monótono, a mesmice sendo inimiga da perfeição.

Porém, em meio à rotina do dia a dia, é difícil afirmar que “já fiz o suficiente, que preciso diversificar minhas atividades, que é hora de tomar conta de mim, de presentear-me com um pouco do meu tempo”. Como sabemos por tantas resoluções de Ano-Novo que esvanecem após um mês ou dois, mais difícil do que falar é agir. Mas não é impossível. Quando decidi dedicar um pouco do meu tempo ao rio, o rio me surpreendeu, devolvendo-me um pouco de mim em retorno. Aprendi que o rio pode fazer isso, dar quando recebe.

Fisquei e perdi outra perca. Mais uma vez, a razão foi a linha bamba. Nada de muito surpreendente; isso acontece quando não praticamos por quase um ano. Somos punidos pelas nossas escolhas. A técnica de lançamento sofre, o manejo da linha sofre. O peixe se aproveita dos nossos erros e escapa, feliz em readquirir o controle da sua vida.

Apesar da frustração, a emoção estava de volta. Se a pesca fly fosse fácil, não teria a mística que tem; não seria uma atividade que serve de metáfora para a vida.

Decidi melhorar. Como um cientista, um pescador precisa de mentores. No caso da pesca fly, mais ainda. Se você quer ser um pesquisador científico, precisa de um orientador de doutorado. Excluindo raras exceções, o sucesso é produto do ensino individualizado, do contato pessoal com um mestre no assunto. Havia concluído o curso do Rick e precisava avançar. Aquela primeira entrada no monastério levou-me apenas até a antessala.

Quando cheguei lá, não havia monges à minha espera, convidando-me a tomar o próximo passo, dizendo-me qual a direção certa. Não sabia exatamente o que fazer, mas sabia que precisava de um mentor. Quando a dúvida vinha e era dominado pela tentação de deixar para lá essa coisa de pesca, me aparecia a imagem do menino, impaciente na praia à minha espera. “Anda logo, Marcelo! Já esperei o suficiente. Está na hora de acordar de vez!”

Se você entra no monastério de coração aberto, não sai a mesma pessoa.

Estava trabalhando no meu escritório um dia, pensando em como achar um mentor e que tipo de experiências queria com a pesca fly, quando chega uma mensagem de meu colega Mark Hindmarsh, professor na Universidade de Sussex, na Inglaterra.

“Marcelo, estamos organizando um workshop sobre teoria clássica de campos em Durham e adorariamos se você pudesse vir. O grupo é relativamente pequeno, apenas cientistas do Reino Unido. Você será nosso único estrangeiro.”

Durham, pensei. Bem perto do Distrito dos Lagos (do inglês “Lake District”). Lagos + rios = trutas! Respondi imediatamente: “Pode contar comigo!”

Assim nasceu a ideia deste livro. Como cientista, tenho o privilégio de viajar pelo mundo, participando de conferências de todos os tipos, incluindo tópicos que vão da origem do Universo à origem da vida, do significado filosófico das leis da Natureza à relação entre ciência e religião. E se combinasse as duas coisas, tentando também pescar nos locais de algumas conferências, compilando minhas experiências numa espécie de diário de viagens e reflexões? Assim, poderia me aprofundar nos temas das conferências, dividindo-os com o público enquanto continuava a traçar minha trajetória como aprendiz da arte da pesca fly em alguns dos locais mais belos e exóticos do planeta. O que não antecipei foi o poder transformador da soma das duas experiências, que irão culminar numa profunda revisão de como vejo o mundo e o futuro do nosso planeta. Este livro conta a história dessa transformação.